

GREER HENDRICKS
&
SARAH PEKKANEN

A garota anônima

*O lado mais cruel aparece quando
estamos nas sombras*



A garota anônima

AN ANONYMOUS GIRL

COPYRIGHT © 2019 BY GREER HENDRICKS AND SARAH PEKKANEN

PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH ST. MARTIN'S PRESS.

ALL RIGHTS RESERVED.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **VALQUIRIA DELLA POZZA**

Revisão: **BÁRBARA PARENTE** e **ALUNOS DO CURSO REAL JOB REVISOR LABPUB: ANDRÉIA XAVIER DOS SANTOS, CAMILA KAHN, CRISTIANE AMARANTE, HELENA BOSCHI, JONATAS ELIAKIM, LUCIERE DE SOUZA, MARCIA ANUNCIÇÃO, MARIANA BARONI, MARINA PARRA E TAINÁ FRANÇA VERONA**

Capa: **OSMANE GARCIA FILHO**

Projeto gráfico e diagramação: **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Hendricks, Greer

A garota anônima / Greer Hendricks, Sarah Pekkanen; tradução de Fábio Alberti. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

368 p.

ISBN 978-65-86041-53-8

Título original: An anonymous girl

1. Ficção norte-americana I. Título II. Pekkanen, Sarah III. Alberti, Fábio

20-4015

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



PARTE 1

OPORTUNIDADE :

Procuramos mulheres de 18 a 32 anos para participar de um experimento sobre ética e moralidade. Compensação generosa. Anonimato garantido.

Entre em contato para mais detalhes.

É FÁCIL JULGAR AS OUTRAS PESSOAS PELAS SUAS ESCOLHAS. A mãe levando um carrinho de compras cheio de doces e gritando com o filho. O motorista de um conversível caro que força a ultrapassagem sobre um veículo mais lento. A mulher na cafeteria que não para de tagarelar no celular. O marido que trai a esposa.

Mas e se você soubesse que a mãe havia perdido o emprego justamente naquele dia?

E se você fosse informado de que o motorista havia prometido ao filho que iria vê-lo jogar na escola, mas foi obrigado a comparecer a uma reunião de negócios de última hora por insistência do chefe?

E se a mulher na cafeteria tivesse acabado de receber um telefonema do amor da sua vida, um homem que havia partido o seu coração?

E se a esposa do marido infiel não conseguisse nem suportar que ele a tocasse?

Talvez você também julgue de maneira precipitada uma mulher que, por dinheiro, decide revelar seus segredos mais íntimos a algum desconhecido. Mas deixe de lado as suposições, pelo menos por enquanto.

Existem razões por trás das ações de todos nós. Mesmo quando escondemos essas razões das pessoas que pensam que nos conhecem bem. Mesmo quando essas razões estão enterradas tão profundamente que nós não conseguimos reconhecê-las.

CAPÍTULO 1

SEXTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

MUITAS MULHERES QUEREM QUE O MUNDO AS VEJA COMO DIFERENTES. O meu trabalho é produzir transformações dentro do intervalo de quarenta e cinco minutos de cada atendimento.

As minhas clientes parecem diferentes quando chegamos ao final de uma sessão de maquiagem. Elas parecem mais confiantes, mais radiantes. Chegam até a se mostrar mais felizes.

Mas tudo o que eu posso oferecer é uma solução temporária. Não tem jeito, as pessoas voltam a ser o que eram antes, voltam a ser elas mesmas.

Para uma verdadeira mudança, as ferramentas que eu posso oferecer não bastam; é preciso mais do que isso.

É FIM DE TARDE DE SEXTA-FEIRA, E FALTAM VINTE MINUTOS PARA as seis. Horário de pico. Também é um momento em que as pessoas querem se tornar uma versão melhor de si mesmas.

Quando as portas do metrô se abrem na Astor Place, eu sou a primeira a sair e o meu braço direito está doendo, como sempre acontece depois que passo o dia inteiro carregando a minha maleta preta de maquiagem.

Mantenho-a atrás do meu corpo, para conseguir passar pelo espaço na catraca – é a quinta vez que passo pelas catracas hoje –, e então subo rapidamente as escadas.

Quando chego à rua, coloco a mão no bolso da minha jaqueta de couro e pego meu celular. Abro minha agenda, que é constantemente atualizada pela empresa que trabalho, a BeautyBuzz. Eu forneço os horários em que posso trabalhar, e eles enviam minha programação por mensagem.

Meu último compromisso de hoje fica próximo da estação *Eighth Street*. São duas clientes, o que significa sessão dupla – noventa minutos. Estou com o endereço, os nomes e o contato telefônico. Mas não faço ideia de quem estará me aguardando quando eu bater à porta.

Eu não tenho medo de estranhos. Aprendi que rostos conhecidos podem oferecer mais perigo.

Memorizo a localização exata e então desço a rua, desviando do lixo que caiu de uma lata cheia demais. Um lojista abaixa o portão da fachada da sua loja, e a barulhenta peça de metal chacoalha. Três estudantes universitários, com suas mochilas penduradas nos ombros, divertem-se dando pequenos empurrões uns nos outros enquanto passo por eles.

Estou a duas quadras do meu destino quando o meu celular toca. O identificador de chamada mostra que é a minha mãe.

Deixo tocar mais uma vez e olho para a pequena fotografia circular dela sorrindo.

“Vou vê-la daqui a cinco dias, no Dia de Ação de Graças, quando for visitá-los”, digo a mim mesma.

Mas não consigo ignorar a ligação.

A culpa é o maior peso que eu carrego.

— Oi, mamãe. Tudo bem? — pergunto.

— Tudo bem, querida. Só liguei para saber como estão as coisas.

Eu posso imaginá-la na cozinha da casa de subúrbio na Filadélfia, onde eu cresci. Ela está mexendo o molho no fogão – eles comem cedo, e o cardápio das sextas-feiras é sempre carne assada e purê de batata – além da taça de vinho na mão, algo que ela se permite nos fins de semana.

Há uma cortina amarela cobrindo a janelinha sobre a pia e um pano de prato pendurado na porta do forno, com as palavras “Passe por cima e siga em frente” impressas sobre a imagem de um rolo de macarrão. O papel de parede com motivos florais está um pouco solto, e um amassado na parte de baixo da geladeira lembra o dia que meu pai acertou um pontapé nela depois de o time dele perder uma final.

O jantar já estará pronto quando o meu pai chegar em casa, de volta do seu trabalho como corretor de seguros. Minha mãe o receberá com um beijo rápido. Eles chamarão a minha irmã Becky para a mesa e a ajudarão a cortar a carne em seu prato.

— A Becky fechou o zíper da jaqueta esta manhã — minha mãe diz. — Sem a ajuda de ninguém.

Becky tem 22 anos, e é seis anos mais nova que eu.

— Isso é maravilhoso — eu digo.

Às vezes eu gostaria de morar mais perto dos meus pais para poder ajudá-los. Outras eu me envergonho de me sentir tão aliviada por não morar.

— Mãe, posso ligar para você depois? — eu continuo. — Estou a caminho de um compromisso de trabalho.

— Que bom! Foi contratada para outro espetáculo?

Eu hesito. A voz da minha mãe está mais animada agora.

Não posso contar a verdade, então começo a falar apressadamente: — Sim, mas é só uma pequena produção. Provavelmente a mídia nem vai estar tão presente. Mas a maquiagem é muito elaborada, realmente incomum.

— Estou tão orgulhosa de você — minha mãe diz. — Mal posso esperar até a semana que vem para saber as novidades.

Tenho a impressão de que ela quer me dizer mais alguma coisa, mas, mesmo sem ter chegado ao meu destino, eu encerro a ligação.

— Mande um beijo pra Becky. Eu amo vocês.

AS MINHAS REGRAS PARA QUALQUER TRABALHO COMEÇAM ANTES mesmo que eu chegue ao local do serviço.

Eu avalio as minhas clientes no momento em que as vejo – sobrancelhas que ficariam mais bonitas se fossem escurecidas, ou o nariz que poderia ser sombreado para parecer mais delicado –, mas sei que elas estão me avaliando também.

Regra número um: meu uniforme informal. Eu me visto de preto, o que elimina a necessidade de escolher e combinar uma nova roupa toda manhã. Além disso, transmite uma impressão sutil de autoridade. Escolho tecidos confortáveis, fáceis de lavar, e que pareçam tão limpos às sete da noite quanto estavam às sete da manhã.

Não há muita distância física quando se está maquiando alguém, por isso mantenho minhas unhas curtas, o hálito fresco e os cabelos presos numa trança. Eu nunca mudo esse padrão.

Passo álcool em gel nas mãos e coloco uma pastilha de menta na boca antes de tocar a campainha do apartamento 6D. Estou cinco minutos adiantada. É mais uma das minhas regras.

Subo de elevador até o sexto andar, e então sigo o som da música em volume alto – “Roar”, de Kate Perry – pelo corredor até chegar às minhas clientes. Uma está usando roupão de banho e a outra veste camiseta e short. Sinto no ar os cheiros que indicam o último tratamento de beleza delas – os produtos químicos usados para realçar as mechas loiras do cabelo da garota chamada Mandy e o esmalte de unhas secando nas mãos que Taylor está abanando no ar.

— Aonde vocês irão esta noite? — pergunto. Se for uma festa, provavelmente será algo mais ousado, já um jantar costuma ser algo mais sutil.

— Ao Lit — Taylor responde.

Não sei do que se trata, e isso fica evidente na minha expressão. Então a garota explica:

— É no Meatpacking District. Drake esteve lá na noite passada.

— Legal — eu digo.

Eu caminho entre os objetos espalhados pelo chão – um guarda-chuva, um suéter cinza amarrotado, uma mochila – e afasto para o lado o pacote de pipocas e latas de energético pela metade que estão na mesa de centro, abrindo espaço para minha maleta. Eu a destravo, e suas laterais se abrem, revelando bandejas e mais bandejas de maquiagem e pincéis.

— Que tipo de *look* vocês têm em mente?

Alguns maquiadores aceleram o trabalho, tentando encaixar o maior número possível de clientes num só dia. Eu prefiro abrir um pouco mais de tempo na minha agenda para fazer algumas perguntas. Só porque uma mulher deseja olhos esfumados e cores neutras nos lábios não significa que outra não esteja pensando em lábios bem vermelhos e apenas uma leve camada de rímel. Eu invisto nesses poucos minutos iniciais para ganhar tempo no fim do serviço.

Mas também confio em meus instintos e minha capacidade de observação. Quando essas garotas dizem que querem um visual sexy e com cabelo bagunçado, eu sei que a intenção delas na verdade é ficarem parecidas com a Gigi Hadid, que está na capa da revista jogada no sofá.

— Vocês vão se formar em quê? — pergunto.

— Comunicação. Nós temos interesse na área de relações públicas. — Mandy parece indiferente, como se eu fosse uma adulta chata perguntando-lhe o que gostaria de ser quando crescer.

— Parece interessante — comento, levando uma cadeira para debaixo da luz mais forte do lugar, diretamente sob o lustre do teto.

Começo com Taylor. Tenho quarenta e cinco minutos para criar a imagem que ela deseja ver refletida no espelho.

— A sua pele é incrível — digo. Mais uma regra: encontre uma característica que você possa elogiar em cada cliente. No caso de Taylor, isso não é difícil.

— Obrigada — a garota responde, sem tirar os olhos do celular. Ela começa a comentar em voz alta sobre as postagens do Instagram: “Alguém quer mesmo ver mais uma foto de *cupcakes*?”; “Jules e Brian estão tão apaixonados, que nojo”; “Pôr do sol inspirador, então tá... Ainda bem que a noite de sexta-feira está bombando na sua sacada”.

Enquanto eu trabalho, o bate-papo das garotas se mistura com o zumbido do secador de cabelo e com os ruídos do trânsito da cidade. Eu me concentro totalmente nas pinceladas de diferentes bases que apliquei no queixo de Taylor a fim de escolher a tonalidade perfeita para a pele dela, e misturo na mão os tons de cobre e areia que vão acender os pontos dourados em seus olhos.

Estou aplicando pó bronzeador nas bochechas da garota quando o celular dela toca.

Taylor para de teclar e pega o telefone.

— Número privado. Devo atender?

— Sim! — Mandy responde. — Pode ser o Justin.

Taylor franze o nariz.

— Mas quem é que atende o telefone numa sexta à noite? Ele pode deixar uma mensagem.

Alguns momentos depois, ela aperta o botão do viva-voz e a voz de um homem enche a sala:

— *Aqui é Ben Quick, assistente do Grupo de Pesquisa Shields. Estou confirmando a sua entrevista deste fim de semana para amanhã e domingo, das oito às dez da manhã. O endereço é o mesmo: Hunter Hall, sala 214. Encontro você no saguão e a acompanho até a sala.*

Taylor revira os olhos e eu afasto o meu aplicador de rímel.
— Pode manter o seu rosto imóvel, por favor? — eu peço.
— Perdão. Onde é que eu estava com a cabeça, Mandy? Vou estar acabada demais para conseguir acordar amanhã cedo.

— Dê o cano e pronto.

— Tá. Mas são 500 dólares. Dá pra comprar uns suéteres bem legais. Essas palavras quebram a minha concentração; eu preciso fazer dez atendimentos para ganhar 500 dólares.

— Aff. Pode esquecer. Eu é que não vou acordar cedo para ir responder a uma droga de questionário — Taylor diz.

Deve ser legal, eu penso, olhando para o suéter amarrotado num canto. E, quando me dou conta, já estou perguntando:

— Um questionário?

Taylor dá de ombros.

— Um desses professores de psicologia precisa de estudantes para uma pesquisa.

Fico curiosa para saber quais perguntas são feitas nessa pesquisa. Talvez seja parecida com um teste de personalidade.

Eu dou um passo para trás e examino o rosto de Taylor. Ela tem uma beleza clássica, com uma estrutura óssea invejável. Essa garota não precisa de quarenta e cinco minutos de tratamento.

— Já que você vai ficar fora até tarde, vou delinear os seus lábios antes de aplicar *gloss* — eu digo. — Dessa maneira a cor vai durar.

Pego o meu *gloss* favorito, com o logo da BeautyBuzz no tubo, e o deslizo sobre os lábios cheios de Taylor. Depois que termino, ela se levanta para conferir o resultado no espelho do banheiro, seguida por Mandy.

— Uau! — escuto a Taylor dizer. — Ela é boa mesmo. Vamos fazer uma *selfie*.

— Primeiro a minha maquiagem!

Eu começo a guardar os cosméticos que usei em Taylor e avalio o que vou precisar para Mandy quando percebo que Taylor deixou o celular dela na cadeira.

A *minha* diversão na noite de sexta-feira vai se resumir a dar um passeio com Leo, meu terrier mestiço, e limpar a maquiagem dos meus pincéis – depois de cruzar a cidade de ônibus até a minha pequena

quintete no Lower East Side. Estarei tão cansada que provavelmente vou cair na cama antes que Taylor e Mandy peçam o primeiro coquetel no bar.

Eu olho novamente para o celular na cadeira.

Então desvio o olhar para a porta do banheiro. Está parcialmente fechada.

Posso apostar que Taylor não vai nem se dar ao trabalho de telefonar para cancelar a entrevista.

— Eu preciso comprar o iluminador que ela usou — Taylor diz
Quinhentos dólares seriam uma grande ajuda para a minha conta bancária este mês.

Minha agenda já está acertada para amanhã. Não tenho nenhum atendimento marcado para antes do meio-dia.

— Vou querer um efeito dramático nos meus olhos — Mandy diz. — Vou perguntar se ela tem cílios postiços.

Hunter Hall, das oito às dez da manhã – dessa parte eu me lembro. Mas quais eram mesmo os nomes do médico e do seu assistente?

Tudo acontece muito rápido. Em um instante estou olhando para o celular, e no instante seguinte ele está na minha mão. Nem faz um minuto que a garota deixou o celular, e o bloqueio de tela ainda não foi acionado. Ainda assim eu preciso olhar para baixo a fim de navegar até a tela da mensagem de voz, o que me obriga a tirar os olhos da porta do banheiro.

Toco na tela para ouvir a mensagem mais recente, e então aperto o celular contra o meu ouvido.

A porta do banheiro se move, e Mandy faz menção de sair de lá. Eu giro o corpo, sentindo o meu coração bater forte. Não vou conseguir recolocar o aparelho no lugar sem que ela veja.

Ben Quick.

Não vou deixar que o pânico tome conta de mim. Posso fingir que o celular caiu da cadeira, e digo a Mandy que acabei de pegá-lo.

— Espere, Mand!

Assistente do Grupo de Pesquisa Shields... das oito às dez da manhã...

— E se eu pedisse a ela uma cor mais escura para os lábios? — Taylor pergunta a Mandy.

“Vamos lá”, eu penso, torcendo para que a mensagem termine rápido.

Hunter Hall, sala 214.

— Fale com ela — Mandy responde.

Encontro você no sag...

Desligo o telefone e o solto novamente sobre a cadeira no instante em que Taylor sai do banheiro e dá o primeiro passo na direção da sala.

Como será que ela havia deixado o aparelho? Com a tela para cima ou para baixo? Mas não há mais tempo para tentar me lembrar disso: Taylor está perto de mim.

Ela olha para o celular, e eu sinto um frio na barriga. Agora estou encrocada. Acabo de me lembrar que a garota tinha deixado o celular na cadeira com a tela virada para baixo. E eu o coloquei ao contrário.

Engulo em seco e tento pensar em uma desculpa.

— Ei — ela diz.

Levanto os olhos devagar para encará-la.

— Adorei. Mas você pode tentar um tom mais escuro de *gloss*?

Aliviada, eu solto o ar lentamente, sentindo a tensão diminuir.

Refaço os lábios dela mais duas vezes – primeiro aplicando uma cor arroxeadada, depois retornando à tonalidade original, firmando o tempo todo o meu cotovelo direito com a mão esquerda para que os meus dedos trêmulos não arruinem as linhas – e quando enfim termino, me dou conta de que os meus batimentos cardíacos haviam voltado ao normal.

Quando saio do apartamento e elas se despedem com um obrigada indiferente e nenhuma gorjeta, minha decisão está confirmada.

Programo o alarme do meu celular para 7h15.

Sábado, 17 de novembro

Na manhã seguinte, repasso o meu plano com cuidado. Às vezes, uma decisão tomada por impulso pode mudar o curso da sua vida.

Não quero que isso aconteça novamente.

Espero do lado de fora do Hunter Hall. É uma manhã nublada, e o ar está denso. Vejo uma jovem correndo na minha direção e por um momento a confundo com Taylor; mas é apenas uma garota praticando corrida. Às 8h05 – ou seja, cinco minutos depois do horário marcado – não há nem sinal de Taylor, que provavelmente ainda está dormindo. Então eu entro no saguão do prédio, onde um cara usando calça cáqui e camisa azul com botões está consultando o relógio.

— Perdão pelo atraso! — Eu me aproximo dele.

— Taylor? — ele pergunta. — Eu sou Ben Quick.

Foi uma aposta certa supor que Taylor não ligaria para cancelar o compromisso.

— A Taylor está doente, por isso me pediu para vir e responder ao questionário no lugar dela. Meu nome é Jessica. Jessica Farris.

— Ah, é? — Ben hesita. Ele me olha de cima a baixo, me examinando.

Eu saí de casa usando tênis de cano alto e com uma mochila pendurada no ombro. Imaginei que não seria má ideia ficar parecida com uma estudante.

— Pode me dar um segundo? — ele diz finalmente. — Preciso checar se podemos fazer isso.

— Claro — respondo, tentando imitar o tom ligeiramente entediado que Taylor usou na noite passada.

Lembro a mim mesma de que o pior que pode acontecer é ser informada de que não posso participar. Se não puder, paciência; compro um café e levo Leo para um longo passeio.

Ben se afasta um pouco e pega o celular. Tento ouvir o que ele está dizendo, mas sua voz é muito baixa.

Em um dado momento, ele caminha até mim.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e oito — respondo, e é verdade.

Espio na direção da entrada para me certificar de que Taylor não vai dar as caras no último minuto.

— Você mora atualmente em Nova York? — Ben pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

Ben ainda tem mais duas perguntas para mim.

— Em que outro lugar você viveu? Viveu em algum lugar fora dos Estados Unidos?

Balanço a cabeça numa negativa.

— Só morei na Pensilvânia. Foi onde cresci.

— Tudo certo — Ben diz, guardando o celular. — Você está autorizada a participar do estudo. Para começar, preciso que me informe o seu nome completo e endereço. Posso ver algum documento de identificação?

Seguro a mochila na mão e a vasculho até encontrar minha carteira, e então entrego a ele minha carteira de motorista.

Ele bate uma foto do documento, e em seguida eu lhe passo o restante dos meus dados.

— Posso agendar o seu pagamento amanhã, quando a sua sessão for concluída, se você tiver uma conta.

— Tenho — respondo. — Taylor me disse que são 500 dólares, certo?

— Sim, está correto. Vou enviar tudo isso para Shields, e então levarei você até a sala.

Mais simples impossível.

CAPÍTULO 2

SÁBADO, 17 DE NOVEMBRO

VOCÊ NÃO É A PARTICIPANTE QUE ESPERÁVAMOS RECEBER ESTA manhã.

No entanto, você satisfaz os critérios demográficos para o estudo, e assim evitamos que a vaga seja desperdiçada. Por isso, o meu assistente, Ben, a acompanhará até a sala 214. O espaço de testes é amplo e retangular, repleto de janelas com vista para o leste. Três fileiras de mesas e cadeiras se estendem sobre o piso brilhante. Na parede da frente da sala há uma lousa interativa com a tela em branco. Na parede ao fundo, no alto, vê-se um relógio redondo comum. Esta poderia ser uma sala de aula como qualquer outra, de qualquer universidade, em qualquer cidade.

Exceto por uma coisa: você é a única pessoa aqui.

Este local foi escolhido porque poucas coisas aqui a distrairiam, o que lhe permitirá se concentrar mais na tarefa à frente.

Ben explica que as instruções aparecerão no computador que lhe foi fornecido. Então ele fecha a porta.

A sala está em silêncio.

Há um *laptop* sobre uma mesa na primeira fileira. Já está aberto. O som dos seus passos ecoa pela superfície do chão conforme você vai em direção à mesa.

Você se acomoda na cadeira, puxando-a na direção da mesa. A perna de metal da sua cadeira range ao contato com o piso.

Há uma mensagem na tela do computador:

PARTICIPANTE 52: Agradecemos por sua participação neste projeto de pesquisa sobre ética e moralidade. Ao ingressar neste estudo, você assume uma obrigação de confidencialidade. Você está expressamente proibida de comentar sobre o estudo ou sobre o conteúdo dele com quem quer que seja.

Não há respostas certas ou erradas. É essencial que você seja honesta e responda de maneira imediata, instintiva. Suas explicações devem ser minuciosas. Você não terá permissão para passar à pergunta seguinte enquanto a anterior não for concluída.

Você receberá um aviso cinco minutos antes do término das suas duas horas.

Pressione a tecla *Enter* quando estiver pronta para começar.

Você consegue imaginar o que a espera?

O seu dedo se dirige à tecla *Enter*, mas, em vez de pressioná-la, a sua mão paira sobre o teclado. Você não é a única a hesitar. Algumas das cinquenta e uma participantes antes de você também exibiram variados graus de incerteza.

Pode ser assustador conhecer mais profundamente aspectos seus que você não gosta de admitir que existam.

Enfim você pressiona a tecla.

Você espera, observando o cursor piscar. Seus olhos castanhos estão bem abertos.

Quando a primeira pergunta surge na tela, você demonstra receio.

Talvez pareça estranho ter alguém sondando partes íntimas da sua mente de maneira tão seca, sem revelar por que a informação é tão valiosa. É natural que uma pessoa se intimide diante de sentimentos de vulnerabilidade, mas você terá de se render a esse processo para que ele se complete com sucesso.

Lembre-se das regras: seja franca e verdadeira, e procure não se desviar de nenhum constrangimento ou dor que essas perguntas possam provocar.

Se essa pergunta inicial – que é relativamente branda – perturbar você, então talvez acabe seguindo o caminho das mulheres que deixaram o experimento. Algumas voluntárias não voltam. Este teste não é para qualquer uma.

Você continua a olhar para a pergunta.

Talvez os seus instintos estejam lhe dizendo para ir embora antes mesmo de começar.

Você não seria a primeira a fazer isso.

Mas você leva as mãos ao teclado novamente e começa a digitar.

CAPÍTULO 3

SÁBADO, 17 DE NOVEMBRO

QUANDO EU OLHO PARA O *LAPTOP* NA SALA DE AULA ESTRANHA-mente silenciosa, sinto um pouco de ansiedade. Leio nas instruções que não há respostas erradas, mas não vou revelar muito sobre o meu caráter ao responder a um teste sobre moralidade?

Faz frio na sala, e me pergunto se isso é proposital, uma maneira de me manter alerta. Minha imaginação quase me faz ouvir ruídos – o farfalhar de papéis, o baque de pés contra o piso, as brincadeiras e as risadas dos estudantes.

Aperto a tecla *Enter* com o dedo indicador e espero pela primeira pergunta.

Você é capaz de mentir sem se sentir culpada?

Eu hesito.

Não era isso que eu esperava quando Taylor mencionou o experimento como se não fosse grande coisa, fazendo um gesto desdenhoso com a mão. Não me ocorreu que me pediriam para que eu escrevesse sobre mim mesma; por alguma razão, eu supus que seria um teste de múltipla escolha ou um questionário com respostas “sim/não”. Deparar com uma pergunta que parece tão pessoal, como se o dr. Shields já

soubesse tanto sobre mim, como se soubesse que eu menti a respeito de Taylor... Bem, isso me deixa um tanto chocada.

Mas faço um esforço para me recompor e levo os dedos ao teclado.

Existem muitos tipos de mentiras. Eu poderia escrever sobre mentiras por omissão, ou sobre mentiras enormes, das que mudam o curso da vida – o tipo que conheço bastante bem –, mas escolho um caminho mais seguro.

É claro que sim, eu digito. Sou uma maquiadora, mas não sou conhecida, você não vai ler sobre mim por aí. Não maquio modelos nem estrelas de cinema. Eu deixo adolescentes do Upper East Side prontas para o baile de formatura, e suas mães prontas para requintados eventos filantrópicos. Faço maquiagens para casamentos e batizados também. Sim, eu sou capaz de dizer a uma mãe estressada que ela aparenta ter muito menos idade do que tem, e também sou capaz de convencer uma garota de 16 anos de que eu nem havia notado a sua espinha. Principalmente porque elas ficam bem mais propensas a me dar uma boa gorjeta se eu as bajular.

Eu teclo *Enter*, sem saber se esse é o tipo de resposta que o professor deseja. Mas sinto que estou fazendo as coisas direito, porque a segunda pergunta logo aparece.

Descreva um momento na sua vida em que você tenha trapaceado.

Nossa. Isso já parece atrevimento.

Mas talvez todo mundo já tenha trapaceado alguma vez na vida, mesmo que apenas jogando Banco Imobiliário na infância. Eu penso um pouco, e então digito:

Na 4ª série, eu trapaceei numa prova. Sally Jenkins era a melhor soletradora da classe, e eu coleei dela. Estava tentando me lembrar se a palavra “consecutivo” era com um “s” ou dois e, quando levantei a cabeça, mordendo a borracha do meu lápis, consegui espiar a prova dela.

E tinha um “s” apenas. Eu escrevi a palavra e agradei mentalmente a Sally por tirar nota dez.

Teclou *Enter*.

É curioso que esses detalhes tenham ressurgido na minha memória, já que eu não penso em Sally faz anos. Nós nos formamos no ensino médio juntas, mas não compareci às nossas últimas reuniões e não tenho ideia do rumo que a vida dela tomou. Provavelmente teve dois ou três filhos, trabalha meio período, mora em uma casa perto

dos seus pais. Foi o que aconteceu com a maioria das garotas com as quais eu cresci.

A pergunta seguinte demora a aparecer na tela. Eu pressiono *Enter* novamente. Nada.

Eu me pergunto se há alguma falha no programa. Quando estou quase decidida a colocar a cabeça para fora da sala a fim de ver se Ben está por perto, letras começam a surgir na minha tela, uma depois da outra.

Como se alguém as estivesse digitando em tempo real.

Participante 52, você precisa se aprofundar mais na resposta.

Isso provoca um sobressalto em mim. Não consigo deixar de olhar à minha volta. As frágeis cortinas de plástico nas janelas estão levantadas, mas não há ninguém do lado de fora nesse dia monótono e sombrio. O gramado e a calçada estão desertos. Há mais um prédio do outro lado da rua, mas é impossível afirmar se tem alguém nele.

É claro que eu sei que estou sozinha. Ainda assim, tenho a sensação de que há alguém sussurrando perto de mim.

Olho novamente para o *laptop*. Outra mensagem me espera:

Essa foi realmente a sua resposta mais imediata e instintiva?

Eu quase engasgo. Como é que o dr. Shields sabe?

Empurro a cadeira para trás abruptamente e começo a me levantar. Então me dou conta de como ele descobriu; deve ter sido a minha hesitação. O dr. Shields percebeu que eu rejeitei o primeiro pensamento que me veio à mente e escolhi uma resposta mais segura. Eu me aproximo novamente do computador, sentada na cadeira, e respiro fundo.

Uma nova instrução surge na tela:

Vá além do superficial.

Digo a mim mesma que é loucura acreditar que Shields seja capaz de saber o que estou pensando. Ficar fechada dentro desta sala está obviamente me fazendo imaginar coisas. Não pareceria tão estranho se houvesse outras pessoas aqui comigo.

Depois de uma breve pausa, a segunda pergunta reaparece na tela.

Descreva um momento na sua vida em que você tenha trapaceado.

Tudo bem, vamos lá. Você quer a verdade tosca sobre a minha vida? Eu posso remexer um pouco mais fundo nessa sujeira.

É trapaça quando você tem apenas um papel secundário no ato de trapaçar?, eu digito.

E espero por uma resposta. Mas o único movimento na minha tela é o do cursor piscando. Eu continuo digitando.

Às vezes eu transo com caras que não conheço muito bem. Ou talvez eu não queira conhecê-los muito bem.

Nada. Eu sigo em frente.

Meu trabalho me ensinou a avaliar com cuidado as pessoas logo na primeira vez que as encontro. Mas na minha vida pessoal, principalmente depois de um drinque ou dois, eu posso deliberadamente baixar a guarda.

Eu conheci um baixista alguns meses atrás. Fui ao apartamento dele. Era óbvio que morava uma mulher lá, mas não fiz nenhuma pergunta a respeito disso. Disse a mim mesma que era só uma colega de quarto. Será que foi um erro da minha parte não querer enxergar?

Teclou *Enter* e me pergunto como a minha confissão seria recebida. Lizzie, a minha melhor amiga, sabe sobre alguns dos meus casos de uma noite, mas eu nunca contei a ela sobre os frascos de perfume e o aparelho de depilação cor-de-rosa que vi no banheiro do baixista naquela noite. Ela também não sabe com que frequência eu embarco nessas aventuras. Acho que não quero que ela me julgue.

Letra após letra, uma única palavra se forma na tela do meu computador:

Melhorou.

Por um segundo, alegro-me porque começo a “pegar o jeito” do teste.

Mas então percebo que um completo desconhecido está lendo minhas confissões sobre a minha vida sexual. Ben parecia profissional, usando aquela camisa engomada e óculos de armação grossa, mas o que eu sei de fato sobre esse psiquiatra e o seu experimento?

Talvez seja uma pesquisa sobre ética e moralidade *só no nome*. E se for outra coisa?

Como posso ter certeza de que o sujeito é mesmo um professor da Universidade de Nova York? Taylor não parece ser o tipo de pessoa que verifica detalhes. Ela é uma jovem linda e talvez tenha sido convidada a participar por esse motivo.

Antes que eu consiga decidir o que fazer, a próxima pergunta aparece:

Você cancelaria um compromisso marcado com uma amiga se surgisse uma oferta melhor?

Meus ombros se soltam e relaxam. Essa pergunta parece completamente inofensiva, é algo que Lizzie me perguntaria se estivesse em busca de conselhos.

Se o dr. Shields estivesse planejando alguma coisa sinistra, ele não teria armado esse cenário numa sala de aula de universidade. Além disso, ele não me fez nenhuma pergunta sobre a minha vida sexual. Eu é que segui por esse caminho.

Eu então respondo à pergunta:

Cancelaria, é claro, porque os meus trabalhos não são regulares. Há semanas em que a minha agenda está lotada. Às vezes eu atendo sete ou oito clientes num só dia, rodando sem parar por toda Manhattan. Mas algumas vezes o ritmo de trabalho diminui, e passo dias em que atendo a apenas uma ou duas chamadas. Recusar trabalho não é uma opção para mim.

Estou prestes a apertar a tecla *Enter* quando me dou conta de que o dr. Shields não ficará satisfeito com o que escrevi. Sigo então as instruções dele e me aprofundo na resposta.

O meu primeiro emprego foi numa lanchonete, quando eu tinha quinze anos. Fiz faculdade por dois anos, mas tive que parar porque não conseguia pagar. Mesmo com auxílio financeiro, eu tinha de trabalhar como garçom à noite e tomar empréstimos no banco. Eu odiava ter dívidas. Havia a constante preocupação de ficar com saldo negativo na minha conta bancária. E eu ainda tinha de pegar um sanduíche às escondidas para levar pra casa quando terminava o meu expediente no trabalho...

As coisas estão um pouco melhores agora. Mas eu não conto com ajuda para me sustentar, ao contrário da Lizzie, minha melhor amiga. Os pais dela lhe enviam um cheque todos os meses. Os meus estão falidos, e a minha irmã tem necessidades especiais. Por isso eu digo que sim, às vezes sou obrigada a cancelar compromissos com amigos. Preciso tomar cuidado com a minha saúde financeira. Porque, quando a situação apertada, eu só posso contar comigo mesma.

Olho para a última linha do meu texto.

Eu me pergunto se não exagerei nas lamentações. Espero que o dr. Shields entenda o que estou tentando dizer: eu não tenho uma vida perfeita, mas quem tem? As coisas poderiam ser piores.

Não estou acostumada a me expressar dessa maneira. Escrever sobre pensamentos secretos é como tirar toda a maquiagem e olhar para um rosto nu.

Mais algumas perguntas aparecem, como:

Você leria mensagens privadas de cônjuges/companheiros?

Se eu achasse que ele estava me traindo, eu leria, digito. Mas nunca fui casada nem vivi com ninguém. No máximo tive alguns namorados mais ou menos sérios, e jamais tive motivos para duvidar deles.

Quando termino de responder à sexta pergunta, noto que me sinto diferente, como não me sentia há muito tempo. Me sinto empolgada, “ligada”, como se tivesse bebido uma caneca cheia de café, mas não estou mais tensa nem ansiosa. Estou extremamente focada. Também perdi completamente a noção do tempo. Não sei dizer ao certo se estou nesta sala de aula há quarenta e cinco minutos ou se faz o dobro desse tempo.

Eu acabo de escrever sobre algo que nunca seria capaz de contar aos meus pais – de que maneira pago às escondidas algumas das despesas médicas da Becky – e mais letras começam a brotar na minha tela de novo.

Isso deve ser difícil para você.

Leio a mensagem uma segunda vez, mais lentamente. Fico surpresa com o conforto que as palavras gentis do dr. Shields me dão.

Eu me recosto na cadeira, pressionando as escápulas contra a estrutura de metal, e tento imaginar qual seria a aparência do dr. Shields. Eu o imagino como um homem corpulento e com uma barba grisalha. Ele é atencioso e compreensivo. E provavelmente já ouviu de tudo nesta vida. Ele não está me julgando.

“Isso é difícil”, eu penso. E pisco rapidamente várias vezes.

Quando dou por mim, já estou digitando: *Obrigada.*

Ninguém jamais quis saber tanto sobre mim antes; a maioria das pessoas se satisfaz com o tipo de conversa superficial que o dr. Shields não aprecia.

Talvez os segredos que eu venho guardando comigo tenham se tornado um fardo, porque falar sobre eles com o dr. Shields fez com que me sentisse mais leve.

Eu me inclino para a frente ligeiramente e brinco com os três anéis de prata no meu dedo indicador enquanto espero pela próxima pergunta.

Desta vez a pergunta demora um pouco mais para surgir que nas ocasiões anteriores.

E então ela surge.

Alguma vez você já machucou profundamente alguém de quem gosta?

Eu quase engasgo.

Leio a pergunta novamente. Olho para a porta num gesto automático, mesmo sabendo que não há ninguém espiando pela vidraça no topo dela.

“Quinhentos dólares”, eu penso. De repente esse dinheiro não parece mais tão fácil de ganhar.

Não quero hesitar por mais tempo. O dr. Shields saberá que estou fugindo de alguma coisa.

Sim, infelizmente, eu digito, tentando ganhar algum tempo. Enrolo uma mecha de cabelo em torno do dedo e então digito um pouco mais. *Quando cheguei a Nova York, havia um cara de quem eu gostava, e uma amiga minha também estava a fim dele. Ele me convidou para sair e... ...*

Eu paro. Contar essa história não vai fazer diferença. Não é o que o dr. Shields quer.

Eu apago lentamente o que escrevi.

Estava sendo honesta, como prometi ser quando aceitei as condições para participar do estudo no início. Mas agora penso em inventar algumas coisas.

O dr. Shields pode perceber se eu não contar a verdade.

E eu me pergunto... “O que aconteceria se eu contasse?”

Às vezes eu acho que já machuquei todas as pessoas que amei.

Quero demais escrever essas palavras. Imagino o dr. Shields aceitando-me com a cabeça de modo compreensivo, encorajando-me a continuar. Se eu lhe disser o que fiz, talvez ele mais uma vez escreva algo reconfortante.

Sinto um travo na garganta. Passo a mão sobre os meus olhos.

Se eu tivesse coragem, começaria explicando ao dr. Shields que eu tomava conta de Becky durante todo o verão enquanto os meus pais

trabalhavam; que eu carregava uma grande responsabilidade embora tivesse apenas 13 anos na época. Becky podia ser irritante – ficava entrando no meu quarto o tempo todo quando meus amigos estavam lá, pegava as minhas coisas, tentava me seguir para onde quer que eu fosse –, mas eu a amava.

Ou melhor, eu a *amo*. Eu ainda a amo.

Acontece que não é fácil lidar com ela.

Eu ainda não havia escrito uma só palavra quando Ben bate à porta e me avisa que me restam agora cinco minutos.

Abaixo as mãos e digito devagar: *Sim, machuquei, e daria tudo para desfazer o que fiz.*

Antes que resolva reconsiderar o que escrevi, eu aperto a tecla *Enter*.

Olho para a tela do computador, mas o dr. Shields não escreve nenhum comentário.

O cursor parece palpitar como a batida de um coração; é hipnótico. Meus olhos começam a queimar.

Se o dr. Shields digitasse algo para mim agora, se me pedisse para continuar e me dissesse que eu poderia ultrapassar o tempo que me cabia, eu teria concordado. Eu teria desabafado, e contaria tudo a ele.

Eu respiro fracamente.

Sinto-me como se estivesse à beira de um despenhadeiro, esperando que alguém me diga para pular.

Continuo olhando para a tela, sabendo que agora só me resta cerca de um minuto.

A tela continua em branco, exceto pelo cursor piscando. De súbito, porém, palavras começam a pulsar na minha mente, no ritmo do cursor: “Diga. Diga”.

Quando Ben abre a porta, eu tenho dificuldade de tirar os olhos da tela e virar a cabeça na direção dele.

Eu giro o corpo e lentamente retiro meu casaco do encosto da cadeira e pego a minha mochila. Olho para o computador uma última vez, mas a tela continua em branco.

No instante em que me levanto, uma onda de exaustão toma conta de mim. Estou completamente acabada. Meus membros parecem pesar, e eu não consigo pensar com clareza. Tudo o que eu quero fazer é ir para casa e me enfiar debaixo das cobertas com o Leo.

Ben aguarda junto à porta, do lado de fora, olhando para um iPad. Vejo de relance o nome de Taylor na parte de cima da tela, e abaixo dele três nomes de mulheres. Todas têm segredos. Eu me pergunto se elas revelarão os delas.

—Vejo você amanhã às oito — Ben me diz quando começamos a descer as escadas até o saguão. Tenho que me esforçar para conseguir acompanhá-lo.

— Certo — respondo. Seguro firme no corrimão e caminho com cuidado para não tropeçar. Quando chegamos ao térreo, eu paro. — Ahn... eu tenho uma pergunta. Que tipo de pesquisa é essa exatamente?

Ben se mostra um pouco irritado. Ele é meio presunçoso, com seus mocassins reluzentes e seu estilo chique.

— É um estudo abrangente sobre moralidade e ética no século XXI. Centenas de pessoas estão sendo avaliadas como preparação para um importante trabalho acadêmico.

Então ele volta o olhar para um ponto atrás de mim, na direção da próxima mulher, que está esperando no saguão:

— Jeannine?

Eu caminho para a saída, fechando o zíper da minha jaqueta de couro. Paro um pouco a fim de me orientar, e então tomo o rumo do meu apartamento.

Todas as pessoas ao meu redor parecem estar engajadas em atividades comuns. Algumas mulheres com esteiras de ioga entram numa academia na esquina. Dois caras passam por mim de mãos dadas. Um garotinho correndo num patinete é seguido de perto pelo pai, que grita: “Mais devagar, amigão!”.

Duas horas atrás eu não teria notado a presença de nenhum deles. Agora, porém, é desconcertante estar de volta ao mundo frenético e barulhento.

Sigo para o meu apartamento, parando no sinal vermelho quando chego à esquina. Faz frio, e eu vasculho os bolsos à procura das minhas luvas. Enquanto as calço, reparo que o esmalte transparente que eu apliquei ontem mesmo em minhas unhas está lascado e descascando.

Devo ter roído as unhas enquanto pensava em uma resposta para aquela última pergunta.

Dou de ombros e cruzo os braços sobre o peito. Sinto-me como se tivesse contraído uma virose. Tenho quatro clientes hoje, e não sei como vou reunir forças para carregar minha maleta pela cidade e jogar conversa fora.

Eu me pergunto se amanhã, quando eu voltar à sala de aula, a pesquisa vai continuar do ponto em que paramos. Ou quem sabe o dr. Shields me permita ignorar aquela última pergunta e me proponha outra.

Viro a última esquina e meu prédio surge no meu campo de visão. Aproximo-me da porta da frente, abro-a e entro, e em seguida a empurro com força, até ouvir o barulho do travamento e saber que se fechou. Arrasto-me pelos quatro lances de escada que levam ao meu apartamento, abro minha porta, e então desabo sobre meu sofá-cama. Leo dá pulos e se enrosca em mim; às vezes ele parece perceber que eu preciso de consolo. Eu o adotei quase num impulso uns dois anos atrás, quando parei em um abrigo para animais a fim de olhar os gatos. Leo não estava latindo nem ganindo. Ficou simplesmente sentado na gaiola, olhando para mim, como se estivesse esperando que eu aparecesse.

Ajusto o despertador do meu celular para tocar em uma hora, e então afago o corpinho quente de Leo.

Enquanto me ajeito no sofá-cama, começo a considerar se valeu a pena ter me envolvido nessa pesquisa. Eu não estava preparada para uma experiência assim tão intensa, nem para ser dominada por tantas emoções diferentes.

Rolo para o lado e fecho os meus olhos pesados, dizendo a mim mesma que me sentirei melhor assim que tiver descansado.

Não sei o que pode acontecer amanhã, que novas perguntas o dr. Shields me fará. Não posso me esquecer de que ninguém está me forçando a participar do experimento. Eu poderia fingir que perdi a hora, talvez. Ou dar uma de Taylor e simplesmente não aparecer lá.

“Não preciso voltar”, eu penso, e em seguida mergulho no sono. Mas eu sei que estou apenas mentindo a mim mesma.

CAPÍTULO 4

SÁBADO, 17 DE NOVEMBRO

VOCÊ MENTIU, O QUE É UMA MANEIRA IRÔNICA DE INGRESSAR EM um estudo sobre ética e moralidade. Também mostra bastante espírito empreendedor.

Você não veio substituir a pessoa que estava marcada para as oito da manhã.

A participante original telefonou para cancelar o compromisso às 8h40, explicando que havia dormido demais; quando isso aconteceu, você já havia sido levada até a sala de testes fazia tempo. Mesmo assim nós permitimos que continuasse, porque naquele momento já estava claro que você seria uma voluntária interessante.

Primeiras impressões: você é jovem, sua carteira de motorista confirmou que tem 28 anos. Seus cabelos castanhos acobreados são longos e ligeiramente rebeldes, e você veste jeans e jaqueta de couro. Não usa aliança, mas há três anéis de prata empilhados um em cima do outro em seu dedo indicador.

Apesar da sua aparência casual, há profissionalismo no seu jeito de ser. Você não fica bocejando e esfregando os olhos o tempo todo nem chegou com um copo de café na mão, como várias das outras participantes do horário da manhã. Você se senta ereta, e não espia o celular entre uma pergunta e outra.

O que você revelou durante a sessão inicial e o que você intencionalmente não revelou proporcionaram material igualmente valioso.

Um tema delicado começou a surgir logo na sua primeira resposta, e a destacou das outras cinquenta e uma jovens avaliadas até o momento.

Primeiro você descreveu como é capaz de contar uma mentira para acalmar uma cliente e assegurar uma gorjeta melhor.

Depois você escreveu que cancelaria os planos de uma noitada com uma amiga, mas não por ter conseguido um programa melhor ou um encontro amoroso promissor, como a maioria das outras escreveu. Em vez disso, a sua mente retornou à possibilidade de obter trabalho.





ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.
Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JANEIRO DE 2021